

GÊNERO DIGITAL *BLOG*: UMA ESTRATÉGIA PARA O ENSINO DA ESCRITA EM CONTEXTO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Janaina Zaidan Bicalho Fonseca^a

RESUMO

O presente trabalho objetiva apresentar as ações de um projeto de produção textual desenvolvido por professores de língua portuguesa em formação no âmbito do Pibid. O projeto em questão pretende incentivar a experiência com a escrita crítica, multiletrada e multissemiótica, através de um projeto real do dizer, cujo resultado é divulgado por meio da ferramenta blog.

PALAVRAS-CHAVE: Blog; gêneros textuais; formação docente.

Recebido em: 31 out. 2016

Aprovado em: 03 abr. 2017

Introdução

Este artigo objetiva tratar de uma experiência de escrita na universidade, fundada a partir do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid)¹, tendo como hipótese que as produções de texto,

^a Doutora em Letras – Linguística e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Professora adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Aquidauana.

¹ O programa Pibid oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais. (BRASIL, 2016).

desenvolvidas no decorrer do Pibid, estariam relacionadas não apenas com a prática textual do acadêmico, mas também com os impactos dela na sua formação docente. Isso porque o projeto de iniciação à docência alavancado por essa instituição de ensino superior, no tocante ao curso de Letras, pretendia oportunizar ao acadêmico uma chance de ensinar gêneros textuais a alunos da educação básica, considerando sua experiência pessoal com a produção escrita.

Para isso, a esfera jornalística, a princípio, mostrou-se conveniente para a escolha de gêneros textuais que conduziriam esse processo, pois ela motivaria o exercício da argumentação e da tomada de posicionamentos, capacidades desejáveis em textos escolares e acadêmicos. No entanto, no desenvolvimento dos textos apresentados pelos professores em formação, observou-se que a esfera jornalística não se fazia imperativa, pois as produções textuais contemplavam também outros campos discursivos, como o científico e o literário.

Apostando, então, que ensinar a escrever originava-se de um processo pessoal e de envolvimento com o texto, abriu-se espaço para que o acadêmico escrevesse, revelando seu domínio sobre capacidades de linguagem relativas a diferentes gêneros de texto, demonstrando sua formação crítica e humana através do olhar sobre o mundo em que vive.

Sob esse contexto, o *blog* mostrou-se uma ferramenta propícia para as ambições do projeto, já que possibilitava a liberdade de criação, o livre acesso e a celebração de múltiplas semioses. De diário virtual – atividade comum a *blogs* –, passou-se, porém, a instrumento de interação e convergência das práticas de letramento conquistadas por meio da investigação do ambiente de que faziam parte, enquanto moradores de uma cidade, acadêmicos de uma universidade, professores em formação atuantes numa escola pública e cidadãos imersos em culturas e experiências diversas. Afinal, o *blog*, “ao longo do tempo, adquiriu diversas finalidades, pois, além do fácil espaço de escrita, tornou-se também um ambiente que possibilita a seu usuário liberdade para produzir, reproduzir e difundir a escrita de maneira interativa” (LORENZI; PÁDUA, 2012, p. 40).

Nessa direção, o *blog* propiciou uma significativa hibridação intercultural. Primeiramente, por conta da desterritorialização, que migrou o espaço aparentemente marginal do *blog* para o contexto acadêmico, cujas “coleções”, mormente, estão na contramão da cultura não institucionalizada. Por fim,

na formação de “gêneros impuros” (GARCIA CANCLINI, 2008, p. 336), que, na experiência em pauta, se valeu do entrecruzamento de esferas como a jornalística, a acadêmica e a literária, mesclando, por exemplo, a composicionalidade de alguns gêneros.

Graças, ainda, à variedade de assuntos problematizados pelos textos do *blog*, o conteúdo temático deste não seguiu uma rígida linha de escolhas e propósitos comunicativos. Objetivava-se, afinal, que os acadêmicos se familiarizassem com o hábito da escrita, visando, através dela, discutir e refletir sobre os problemas da sua cidade, as vicissitudes de seu universo estudantil, as peculiaridades da sua formação cultural, entre outros aspectos da sua constituição humana; podendo, a partir de então, se tornarem mais sensíveis ao ensino da escrita e receptivos aos interesses pessoais de seus futuros alunos. Tratava-se, pois, de compreender e fazer emergir, através dos textos produzidos, as múltiplas identidades acionadas pelo grupo de acadêmicos que compunha o Píbid.

Dessa forma, apresento aos leitores, no corpo das análises, o *blog* criado pelos acadêmicos, à luz de uma concepção de escrita interacional e multiletrada, valendo-me, pontualmente, de um texto que congrega as características que desejo colocar em pauta no decorrer da minha discussão.

Espero, assim, que a experiência de escrita aqui exposta possa servir de inspiração a outras ações e frentes de trabalho, na academia e fora dela, motivando os formadores que se importam com o ensino da linguagem sob a tutela das práticas interativas.

Diálogos teóricos

As vozes teóricas que daqui ecoam estão em sintonia com o trabalho propiciado pelo *blog*, enquanto ferramenta para circulação de uma escrita calcada em experiências múltiplas e coletivas acerca das situações que ocorrem no cotidiano dos acadêmicos – sujeitos que experienciam práticas sociais que vão além daquelas engendradas na universidade.

Pensando nisso, assume-se o direcionamento teórico deste trabalho com base nas teorias sobre letramentos, com destaque para uma visão multiletrada, multissemiótica e crítica de texto (ROJO, MOURA, 2012; ROJO, 2013;

STREET, 2014), em diálogo com uma concepção enunciativa da linguagem, aos moldes bakhtinianos.

No tocante aos multiletramentos, impera a multiplicidade cultural e semiótica dos textos. Para Rojo (2012, p. 23), eles são assim definidos:

- (a) são interativos; mais que isso, colaborativos;
- (b) fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]);
- (c) são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

Dessa forma, a definição de multiletramentos agregou-se ao objeto desta pesquisa, na medida em que o *blog* se inscreveu não exatamente nas práticas do mundo acadêmico, mas em uma zona fronteira, na qual estão as práticas textuais “marginais”, que abordam temáticas de interesse público, a partir de um ponto de vista crítico e contestador.

Nesse sentido, vários gêneros foram trazidos à tona, como resenha, artigo de opinião, reportagem, entrevista, entre outros, em cujos modos de dizer se impunha uma região limítrofe entre culturas e linguagens. Dizendo de outra forma, encenava-se, na composicionalidade e no estilo dos textos escritos para o *blog*, uma *performance* textual que conferia múltiplas identidades ao enunciatador do texto, que não se portava só como especialista, acadêmico, professor em formação, mas como uma junção de todos eles, ou seja, um autor híbrido. Assim, “ser autor nesse sentido é assumir, de modo permanentemente negociado, posições que implicam diferentes modalidades de organização dos textos” (SOBRAL, 2012, p. 131).

Partindo dessa observação, a noção de autoria sustenta as produções multiletradas do *blog*, já que fundadas em um projeto enunciativo próprio que considera os recursos linguístico-discursivos acionados pelo produtor textual, tendo em vista a sua intenção ao construir o sentido do seu dizer para outros. É possível assumir, por isso, que a escrita desses gêneros foi fundamentalmente dialógica, pois os acadêmicos se valeram não apenas do seu conhecimento de mundo, mas de uma interação entre os sujeitos de sua cidade, participantes de

práticas sociais diversas. Somado a isso, chama-se atenção, ainda, para a transgressão das relações de poder através do modo de divulgação livre e gratuito, bem como para o tratamento dado a assuntos que, por vezes, escapavam ao interesse da mídia institucionalizada.

Junto aos multiletramentos, tem-se a noção de letramentos multissemióticos, os quais se valem, normalmente, dos hipertextos e das hipermídias, propiciando a inclusão de textos escritos junto a vídeos e músicas, edição de som, inserção de imagens, cores, etc. No caso do *blog*, muitos desses recursos foram utilizados pelos acadêmicos para compor seus textos. Embora se trate de uma plataforma que não propicia a edição de som e imagens, a inserção de um trabalho elaborado em outras mídias é possível. Acerca da importância dessa questão, na visão de Rojo (2013), quando lidamos com textos contemporâneos, “já não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, som, fala)” (ROJO, 2013, p. 20-21).

Garcia Canclini (2008, p. 309) também atenta para o papel da tecnologia como liame entre as práticas culturais – antes limitadas a um segmento social – e os diversos grupos – sem restrição.

Uma dessas transformações de longa data, que a intervenção tecnológica torna mais patente, é a reorganização dos vínculos entre grupos e sistemas simbólicos; os descolecionamentos e as hibridações já não permitem vincular rigidamente as classes sociais com os estratos culturais. [...] a tendência predominante é de que todos os setores misturem em seus gostos objetos de procedências antes separadas

No *blog*, o entrecruzamento de esferas é bastante latente, congregando a jornalística, com a acadêmica e com a literária. A interconexão entre discursos também é visível, como os da cultura, educação, saúde, político e do meio ambiente. Todos eles abordados por uma visão que vai de encontro à *expertise* ecoada por especialistas da área, dando voz a um novo grupo – no caso, o de acadêmicos – que falam sobre essas esferas e discursos de uma outra perspectiva.

Os letramentos críticos, por fim, são “requeridos para o trato ético dos discursos em uma sociedade saturada de textos e que não pode lidar com eles de maneira instantânea, amorfa e alienada” (ROJO, 2010, p. 437). Os letramentos, então, passam a ser situados e contextualizados às circunstâncias discursivas e histórico-sociais. Nessa direção, o resgate do contexto de produção, circulação e recepção dos textos torna-se essencial, possibilitando ao leitor elegê-los tendo em vista a escolha da fonte e do autor, entre outros elementos.

No que tange ao *blog*, a visão crítica é vislumbrada a partir do momento em que os acadêmicos escolhem e vão até as suas fontes de pesquisa – livros, revistas, periódicos, sujeitos, instituições, *sites*, entre outros –, mantendo com elas uma relação questionadora e discutindo os pontos obscuros ou que suscitem aprofundamento. A questão polifônica, nesse caso, ganha importância, pois as vozes acionadas nos textos escritos no *blog* levantam múltiplos e diferentes pontos de vista, os quais podem requerer uma discussão ética, solicitando do autor/enunciador uma “consciência criadora [...] que administra e dirige a consciência dessas vozes e, naturalmente, a escolha intencional dos procedimentos de representação da palavra alheia” (ARÁN, 2014, p. 17).

Passo agora à condução metodológica, com a finalidade de esclarecer ao leitor a organização deste trabalho de pesquisa.

Condução metodológica

A pesquisa desenvolvida define-se, quanto aos fins, como aplicada, pois sua finalidade prática buscava familiarizar os acadêmicos com a escrita argumentativa e reflexiva, visando ensiná-la, com propriedade, na educação básica. No tocante aos meios, o trabalho em destaque se caracteriza como uma pesquisa-ação, já que demandou a intervenção de dois coordenadores do Pibid – que propuseram a elaboração do *blog*, a partir da observação de um problema: a prática escrita era pouco exercitada entre os acadêmicos. Logo, “os pesquisadores e os sujeitos da pesquisa estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (BRASILEIRO, 2013, p. 47), uma vez que o papel dos pesquisadores, também coordenadores do projeto, não era apenas o de sugerir a criação do *blog*, mas, ainda, o de acompanhar o andamento da escrita, propor pautas para produção dos textos, oferecer suporte teórico-metodológico de

forma a respaldar o estudo autônomo dos acadêmicos, propiciar a discussão dos textos escritos entre a turma, etc.

Nessa medida, a organização metodológica para a escrita e posterior publicação dos textos no *blog* direcionou-se conforme a seguinte dinâmica: primeiramente, o grupo – professores e estudantes – se reunia para conhecimento das temáticas a serem abordadas pelos textos e para as primeiras problematizações. Os acadêmicos, então, podiam sugerir qualquer pauta que achassem relevante para ser divulgada à sociedade, especialmente, a local.

Levando em consideração o objetivo individual de cada um para a escrita, os acadêmicos eram levados a refletir sobre sua proposta a partir da resposta a seis perguntas, as quais eram conduzidas por meio de um debate oral: 1. Qual a relevância de se escrever sobre essa temática, considerando o interesse dos seus possíveis leitores? 2. O que sabia ou estava disposto a descobrir sobre o tema? 3. Em quais fontes buscaria mais informações ou quais vozes adicionaria a seu texto? 4. De qual função social você se apropriaria para a escrita do texto? 5. Como compreendia o gênero textual que havia escolhido? 6. Quais recursos (multi)semióticos escolheria para dialogar com o seu texto? Ao final da primeira reunião, convencidos do mérito da proposta ou dissuadidos de continuá-la, era solicitado aos pibidianos que trouxessem, no próximo encontro, a ocorrer após quinze dias, um esboço do seu texto.

Em uma segunda reunião, o processo era conduzido da seguinte maneira: i) leitura crítica feita entre duplas de estudantes para apontar os problemas ou as potencialidades oriundas de cada texto; ii) apreciação oral do texto do colega para o grupo; iii) proposta de reescrita.

Na terceira reunião, a ocorrer decorridos quinze dias, o texto, após discussão em sala e reescrita dos acadêmicos, era entregue aos coordenadores do Pibid e discutidos, ali mesmo, entre coordenadores e acadêmicos. A partir dessa terceira dinâmica, era proposta mais uma reescrita.

A quarta e última reunião, esta depois de uma semana, era realizada com o intuito de uma última leitura dos textos pelos coordenadores. Nesse último encontro, eram colocadas em pauta, ainda, as seguintes questões: 1. Qual seria a melhor fonte e disposição de caracteres para a postagem no *blog*? 2. Em qual editoria o seu texto se classificaria? 3. Foram escolhidas imagens para inserção no texto? Elas são passíveis de apropriação ou retêm direitos autorais?

4. Haverá a inserção de vídeos? Se sim, eles são de livre acesso? 5. Os sujeitos ou objetos sobre os quais se falam no texto foram fotografados? Se sim, eles autorizaram? As fotos dispõem de legenda?

Caso se fizesse necessário, entre os períodos em que o grupo não se reunia, os acadêmicos podiam entrar em contato com os coordenadores, a fim de sanar suas dúvidas sobre qualquer aspecto da escrita ou postagem dos textos.

Ao final de todas as etapas, ficou em evidência que discutir, de várias formas, o processo de produção textual possibilita o crescimento do texto do acadêmico, o qual vai se tornando mais consciente da necessidade de refletir sobre os procedimentos de escrita, a fim de poder, futuramente, apropriar-se de ou criar sua metodologia para ensinar a escrever na educação básica.

Na tentativa de alinhar teoria e metodologia com as análises, a serem expostas nas próximas páginas deste artigo, passo à apresentação do *blog*. Na sequência, remeto-me ao estudo de um dos textos nele presente para uma discussão mais acurada.

O *blog* e os textos produzidos

*Eu ando pelo mundo
Prestando atenção em cores
Que eu não sei o nome
Cores de Almodóvar
Cores de Frida Kahlo Cores!
(Calcanhotto, 1992).*

O *blog* foi a ferramenta escolhida para divulgar os textos dos acadêmicos. Ele, no entanto, já é, por si só, um gênero textual, pois se vale de temáticas, composicionalidades e estilos múltiplos, que celebram a relação dialógica e interativa existente, nesta prática de pesquisa, entre os *bloggers*. Estamos diante, assim, de um hipergênero digital, cujos modos de dizer, além da autoria, são compartilhados.

Sua constituição diferenciada desafia o leitor desde a página inicial, cujo título remete ao fenômeno da intertextualidade. Em outras palavras, o leitor precisa, logo de saída, ancorar a interpretação do *blog* a partir do nome que ele

leva: “Pastelão”. Remonta-se, dessa forma, ao gênero cinematográfico comédia “pastelão”, em que predominam cenas de riso fácil e gosto discutível, incorporadas em filmes simples e de poucos recursos. As ações dos personagens tendem ao ridículo, como escorregões, pauladas e baldes de água na cabeça, terminando o protagonista sempre levando um pastelão na cara.

Dialogando com o *blog*, surge a irônica alusão de que os textos lá encontrados serão também de gosto questionável, escritos por produtores com pouca ou nenhuma autoridade nos assuntos tratados, e em cujo veículo de postagem já se vislumbram as parcas possibilidades econômicas. Contudo, lembremos as consagradas *performances* de personagens do humor pastelão, como Charles Chaplin, O gordo e o magro, Chaves, Os trapalhões, Os jecas de Mazzaropi, entre outros. Isso comprova a potencialidade artística dessas atuações e, por conseguinte, reforça a promessa na escrita dos acadêmicos de Letras.

A figura 1 apresenta a página inicial do *blog*, na qual aparecem o seu título e a forma de disposição e organização dos textos:

Figura 1 – Página inicial do blog Pastelão



Fonte: Pastelão [Blog/On-line], 2016a.

Franqueiam-se, assim, vários modos de ler, os quais são livremente escolhidos pelos leitores, que podem clicar em marcadores específicos – cidades, culinária, cultura, editorial, educação, meio ambiente, política, saúde, tradu-

ção, tutoriais e sem rótulos –, ou, ainda, em formatos diferenciados, como: clássico, *flipcard*, revista, mosaico, menu lateral, fotografia, linha do tempo. É possível selecionar, ainda, por textos recentes, data ou autor. Ou seja, trata-se da escolha individual e autônoma do leitor, que é completamente livre para navegar conforme suas preferências. Tais possibilidades são próprias dos hiper-gêneros, pois “na tela essas ligações vão além de expansões ou relações secundárias e passam a ser centrais na estruturação do texto” (BRAGA, 2010, p. 178).

Vale destacar que o público leitor do *blog* não é pré-determinado, surgindo a partir das especificidades contidas em cada edição, pois há uma mistura de temáticas e modos de dizer que possibilitam ampliar as expectativas quanto ao grupo de leitores.

Em uma rápida navegação pelo *blog*, é possível, somente na editoria destinada ao assunto “cultura”, reconhecer discursos e elementos culturais advindos de diferentes esferas da sociedade. Nesse quesito, a figura 2 expõe um verdadeiro “disco de Newton”, o qual só pode entrar em movimento se o leitor permitir:

Figura 2 – Página da editoria de cultura do *blog* Pastelão



Fonte: Pastelão [Blog/On-line], 2016b.

Ao clicar nas figuras, remete-se à tradução de poemas dos argentinos Oliverio Girondo e Juan M. Inchauspe, ao universo cinematográfico de *A menina que roubava livros*, a discursos dos personagens do filme adolescente *Crepúsculo*, a uma coluna sobre a obra filosófica de Cícero, aos informes sobre festas e comidas tradicionais do lugar em que os acadêmicos vivem, à história contemporânea de *A culpa é das estrelas*, a textos acadêmicos cujos assuntos variam desde as obras de Walter Benjamin a Raquel de Queiróz, entre tantos outros. Enfim, tem-se uma vasta mistura de cores, oriundas de diferentes es-

pectros; cores estas que, para saber o nome, faz-se necessário aceitar as diversas coleções implicadas nesse processo.

Tais coleções advêm, certamente, da forma como o *blog* é constituído, levando-se em consideração a escolha do tema e a sua abordagem pelos acadêmicos. Somente por isso é possível vislumbrar assuntos tão diversos, tratados sob diferentes perspectivas textual-discursivas.

Após a apresentação inicial do *blog*, passo à análise de um texto que considero ilustrativo das situações enunciadas na introdução deste artigo. Trata-se de uma resenha intitulada “Pequena Miss Sunshine: padrões de beleza”. Neste texto, vislumbra-se uma produção escrita atenta aos aspectos principais do gênero textual resenha – no que toca à seleção e à sumarização das ideias centrais, seguidas de sua apreciação. Entretanto, a resenha surpreende o leitor em alguns aspectos. Vejamos.

Texto 1 –Resenha do filme Pequena Miss Sunshine: padrões de beleza

(Continua...)

15 ago. 2014

Pequena Miss Sunshine: padrões de beleza



Estreando no mundo do cinema, famosos por dirigirem clipes musicais, Jonathan Dayton e Valerie Faries dirigiram o **Pequena Miss Sunshine** que foi lançado em outubro de 2006 e já começaram com o pé direito. O filme foi indicado como melhor filme do ano e recebeu algumas premiações como “Melhor Roteiro”, “Melhor ator coadjuvante” (recebido por Allan Arkin) que interpreta o avô da protagonista Olive, venceu também o Independent

Spirit Award (festival de melhores filmes independentes) entre outros prêmios.

A trama nos traz a incrível e emocionante história de Olive Hoover (Abigail Breslin) e sua família com sérios problemas de convivência. Olive sonha em ser Miss, porém sua beleza não está dentro dos padrões sociais. Óculos fundo de garrafa, barriguinha saliente e um jeitinho desengonçado. Essas são as características da nossa protagonista.

Olive é selecionada para participar de um concurso de beleza infantil no estado da Califórnia, fazendo assim, toda sua família embarcar em uma grande e surpreendente jornada. Seu pai Richard (Greg Kinnear) é um homem fracassado que tem dificuldade de aceitar a realidade.

Ele desenvolveu um método de autoajuda para formar vencedores, sem nenhum sucesso. Durante a trama Richard se mostra um homem que crê em estereótipos sociais. Sheryl, a mãe (Tonny Collete), é

Fonte: Pastelão [Blog/On-line], 2016c.

Texto 1 –Resenha do filme Pequena Miss Sunshine: padrões de beleza (Conclusão).

uma mulher dedicada à família, preza pela honestidade, mas, ao mesmo tempo, nega sua compulsão pelo vício do cigarro. Ela apoia Olive a conquistar o sonho sem menosprezar a beleza da filha. O Irmão Dwayne (Paul Dano) é um jovem com sintomas de depressão, odeia sua família e acha o pai um idiota, tem o sonho de tornar-se piloto das Forças Aéreas e faz um “voto de silêncio” até conseguir conquistar seu objetivo.

Porém, no meio do caminho para a Califórnia, descobre, com ajuda da irmã, um obstáculo que irá impedir seu grande sonho. O avô paterno de Olive (Allan Arkin) é o personagem polêmico e engraçado do filme. Após ser expulso da clínica de repouso pelo uso de heroína, ele passa a morar com a família. Ele ajuda a neta com uma coreografia ao som de Rick James “*Super Freak*”, a qual é apresentada no concurso. Por fim, Frank (Steve Carell), tio de Olive, um professor homossexual que tenta suicídio após algumas perdas profissionais e amorosas e, por recomendações médicas, vai morar provisoriamente com a irmã. [...].

Todos viajam em uma Kombi velha e apertada, em prol do sonho de Olive. Até então eles não tinham um entrosamento familiar, era cada um por si e a mãe por todos, mas, a partir da viagem tudo muda. Eles passam a conhecer uns aos outros e a si mesmos, procurando se ajudar e, ao mesmo tempo, se divertir com os problemas que um a um vão aparecendo e que acabam por se resolver com o envolvimento e cumplicidade de cada um. A viagem os aproxima e muda todo o roteiro de uma família desestruturada pela corrida do sucesso. Um filme extremamente envolvente e com uma mensagem incrível.

Reflexão

A história traz a tona um assunto muito importante e relevante para a sociedade. Olive no auge da sua infância se preocupa com uma beleza padronizada induzida pela mídia. No local do concurso ela se depara com meninas exageradamente maquiadas, vestidas como mulheres, magras, assim como manda os mandamentos sociais que a mídia revela para ganhar dinheiro com a publicidade da moda e toda a indústria da beleza que está a ela agregada.

Em uma cena, após conhecer suas concorrentes, Olive vai para frente do espelho e fica se admirando, olhando seu corpo e talvez pensando “o que há de errado?”. Em outra cena que a cada dia se torna mais comum, o pai veta Olive de tomar sorvete porque acredita que aquele não é o caminho certo, já que ela quer ser Miss e diz “Se você tomar esse sorvete ficará gorda e se não tomar ficará bonita e bem magrinha”. Podemos ver que Richard claramente induz a filha a desenvolver uma possível bulimia. Nesta edição do blog Pibid Letras-CPAQ, apresentamos o caso de Ana Carolina que desenvolveu bulimia por conta de atitudes como a do pai de Olive. O caso é real e pode ser lido no texto “Entre a saciedade e o remorso: um paradoxo das ‘vítimas’ do espelho”, publicado na editoria de saúde.

Por certo, a maior culpada pela introjeção de padrões de beleza no mundo infantil é a mídia que pode manipular os desejos até de crianças para ganhar dinheiro.

Atualmente, vemos modelos a desfilarem na passarela, extremamente magras, seguindo estereótipos de uma sociedade que dita padrões de beleza incompatíveis com as pessoas comuns. Devemos estar atentos a tudo que nos é oferecido por meio de canais televisivos, rádios, jornais e afins, para filtrar o que nos faz bem e o que não nos faz. A mídia só quer dinheiro, e infelizmente ela tem sua plateia e consequentemente essa plateia irá julgar e se divertir com o sofrimento dessas pessoas, que acabarão caindo em um poço sem fundo, cegos pelo padrão social.

Temos como obrigação alertar e destruir esse moralismo sem fim. A busca pelo bem estar consigo mesmo não pode destruir vidas nem causar sofrimento. Estamos sendo manipulados em todas as áreas de nossas vidas, se não levantarmos a nossa voz seremos destruídos pela voz da sociedade que a todo o momento dita-nos as regras a serem seguidas, e nós a seguimos pela ignorância de não querer enxergar o que realmente importa.

L. Q.

Fonte: Pastelão [Blog/On-line], 2016c.

A resenha em questão é um exemplo da manifestação do letramento crítico, já que é possível vislumbrar no texto uma reflexão que desafia e contesta os padrões ditados pela mídia no que diz respeito à estética feminina e ao comportamento infantil. Para isso, a polifonia foi um recurso largamente explorado, sobretudo na responsabilização de agentes sociais específicos e também no acionamento de vozes que estabelecem crenças cristalizadas socialmente; constituindo-se, assim um universo dialógico no qual o enunciador constrói seu posicionamento e também é construído ao se fundar com as outras vozes sociais que são enunciadas no seu texto.

Além disso, observa-se a constituição de uma resenha despreocupada com a produção fílmica em si (enredo, personagens, trilha sonora, fotografia, maquiagem, figurino, direção, roteiro, etc.), centrada que está na síntese da trama e nas reflexões suscitadas por ela. Dessa forma, vislumbra-se um gênero textual híbrido, pois se desvincula da obrigação de tratar o filme como um crítico ou estudioso de cinema, valendo-se de modos de enunciar que buscam criticar a temática central do filme, a partir de um ponto de vista de quem denuncia e se indigna.

Logo, o texto passa a transitar na região limítrofe entre a resenha e o artigo de opinião, por exemplo. Um dos motivos que explica essa coincidência nos modos de escrever pode estar no fato de os gêneros citados encontrarem-se na confluência entre duas capacidades de linguagem (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004): a ordem do expor e a do argumentar, gerando, assim, a ocupação do mesmo espaço estilístico. Na visão de Sobral (2011, p. 41), “todo gênero floresce no espaço em que ameaça impor ao sujeito um dado modo de dizer, mas em que promete que a singularidade do sujeito poderá dar a esse modo de dizer uma feição singular”.

É o que demonstra o quadro 1, que sintetiza os modos de enunciar da resenha em análise.

Quadro 1 – Análise da resenha Pequena Miss Sunshine: padrões de beleza

CARACTERÍSTICAS ACIONADAS	MODOS DE DIZER DA RESENHA
Valorização do filme	O filme foi indicado como melhor filme do ano e recebeu algumas premiações como “Melhor Roteiro”, “Melhor ator coadjuvante” [...] venceu também o <i>Independent Spirit Award</i> (festival de melhores filmes independentes) entre outros prêmios.
Síntese da trama	A trama nos traz [...]. Olive é selecionada para participar de um concurso de beleza infantil [...]. Seu pai Richard (Greg Kinnear) é um homem fracassado [...]. Sheryl, a mãe (Tonny Collete), é uma mulher dedicada à família [...]. O Irmão Dwayne (Paul Dano) é um jovem com sintomas de depressão [...]. Todos viajam em uma Kombi velha e apertada [...]. Eles passam a conhecer uns aos outros e a si mesmos [...].
Avaliação do autor.	A história traz à tona um assunto muito importante e relevante para a sociedade.
Acionamento de uma voz que estabelece crenças cristalizadas socialmente	Olive [...] se preocupa com uma beleza padronizada induzida pela mídia. [...] o pai veta Olive de tomar sorvete porque acredita que aquele não é o caminho certo, já que ela quer ser Miss e diz “Se você tomar esse sorvete ficará gorda e se não tomar ficará bonita e bem magrinha”.
Responsabilização de agentes sociais	[...] meninas exageradamente maquiadas [...] como manda os mandamentos sociais que a mídia revela para ganhar dinheiro. Por certo, a maior culpada pela introjeção de padrões de beleza no mundo infantil é a mídia que pode manipular os desejos até de crianças para ganhar dinheiro.

<p>Constituição conjunta do texto</p> <p>Acionamento da voz do outro para endossar a sua própria produção escrita</p>	<p>Nesta edição do <i>blog</i> Pibid [...], apresentamos o caso de Ana Carolina que desenvolveu bulimia por conta de atitudes como a do pai de Olive. O caso é real e pode ser lido no texto “Entre a saciedade e o remorso: um paradoxo das ‘vítimas’ do espelho”, publicado na editoria de saúde.</p>
<p>Exortação para mudança de comportamento</p>	<p>Devemos estar atentos a tudo que nos é oferecido por meio de canais televisivos, rádios, jornais e afins, para filtrar o que nos faz bem e o que não nos faz.</p> <p>Temos como obrigação alertar e destruir esse moralismo sem fim.</p> <p>Estamos sendo manipulados em todas as áreas de nossas vidas, se não levantarmos a nossa voz seremos destruídos.</p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Observa-se que as características estilísticas preponderantes na resenha estão relacionadas com a própria opinião do produtor do texto, que recorre à função emotiva para persuadir o leitor, através do uso de recursos linguísticos e discursivos, como a modalização deôntica (devemos estar, temos como obrigação), a adjetivação (assunto muito importante e relevante, moralismo sem fim) e a ausência de fontes de informação precisas. Os referidos recursos estilísticos parecem semelhantes àqueles largamente utilizados na escrita escolar, cuja instituição propaga o estilo como “produto de uma herança, de modelos escriturais previamente existentes” (BORÉ, 2007, p. 219 *apud* BRANDÃO, 2009, p. 116).

No que toca à composicionalidade, no entanto, o texto estrutura-se a partir de um projeto enunciativo que insere o enunciador em um jogo de tensão, do qual emergem o cidadão comum indignado, o estudante convicto de seu papel social e o resenhista atento aos aspectos do filme. Na visão de Arán (2014, p. 22), o ato discursivo, como o aqui em pauta, é compreendido

como uma encenação onde o eu tende a adotar um lugar social, um papel, uma posição enunciativa para falar, para constituir seu próprio discurso, para assumir-se como uma consciência

em ato, mas sempre na tensão com a palavra alheia, com a voz, com a outra consciência.

O enunciador, assim, dramatiza múltiplas identidades de produtor de texto, conferindo à construção composicional de sua resenha elementos que reorganizam, em certa medida, os modos de enunciar previstos para esse gênero textual.

À estrutura composicional, soma-se também o recurso do vídeo com o *trailer* do filme, possibilitando ao leitor que não o conhece ter suas primeiras e genuínas impressões antes de ler a resenha. Conta-se, assim, com um recurso multissemiótico, já que o texto escrito não foi o único utilizado para a construção de sentidos.

Considerações finais

Ao fim deste artigo, acredito ter sido possível conhecer um pouco do trabalho desenvolvido no *blog* “Pastelão” e a sua importância para a familiarização dos acadêmicos com a escrita. Esta, na compreensão da pesquisa apresentada, é fruto de práticas situadas e dialógicas, oriundas de um contexto sócio-histórico e cultural mais amplo. Nesse sentido, valoriza-se o que dizer, para quem dizer e o como dizer, apostando em um projeto enunciativo comprometido com as formas de produção, circulação e recepção do texto.

O trabalho com a escrita na universidade, conforme destacado por este artigo, procurou, ainda, salientar as condições sociais plurais, ideológicas e culturais que perpassam a escrita do acadêmico, o qual se vale de elementos transculturais para escrever. Nessa medida, valoriza-se o conhecimento de mundo trazido pelo estudante universitário, respeitando os seus interesses, mas também motivando-o a experimentar outras vivências e a ampliar o seu acervo cultural.

Considero, assim, que um produtor textual, após ter passado por todas as etapas descritas na metodologia e apresentando um texto de acordo com o trazido à discussão, tem seu poder de agir docente modificado, podendo, por isso, apresentar um bom desempenho como professor de língua materna, ao ensinar seus alunos a escreverem.

Encerro esse texto esperando ter atingido meu objetivo: relatar uma experiência exitosa com a escrita na universidade e abrir caminhos para reflexões sobre a produção textual nessa esfera.

Ao fim, ressalto também que considero essa ação didática ainda experimental, podendo ser aperfeiçoada e ajustada a outros momentos da formação acadêmica. No entanto, trata-se de uma aposta, até o momento, bem-sucedida; o que talvez demonstre, mais do que os docentes de forma geral acreditem, o potencial dos estudantes para a escrita.

Referências

ARÁN, P. O. A questão do autor em Bakhtin. *Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso*, São Paulo, n. spe, 9: 4-25, jul. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732014000300002&lng=en&nrn=iso>. Acesso em: 25 jun. 2016.

BRAGA, D. B. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 175-197.

BRANDÃO, H. H. N. Representações da escrita: estereotipia e singularidade enunciativa. *Scripta*, v. 13, 24: 111-127, Belo Horizonte, 1 sem. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. *PIBID: Apresentação*. [on-line]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pibid>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

BRASILEIRO, A. M. M. *Manual de produção de textos acadêmicos e científicos*. São Paulo: Atlas, 2013.

CALCANHOTTO, A. Esquadros. In: *Senhas*. [CD]. Nova Iorque: Columbia Records. [CD], 1992.

GARCIA CANCLINI, N. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2008.

LORENZI, G. C. C.; PÁDUA, T. R. W. de. Blog nos anos iniciais do fundamental I: a reconstrução de sentido de um clássico infantil. In: ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 35-54.

PASTELÃO – Revista do Pibid Letras Cpaq ou escrita coletiva de situações da vida e de sua poesia. [Blog/On-line]. Disponível em: <<http://pibidletrascpaq.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 30 mar. 2016a.

PASTELÃO – Revista do Pibid Letras Cpaq ou escrita coletiva de situações da vida e de sua poesia. Editoria de cultura. [Blog/On-line]. Disponível em: <<http://pibidletrascpaq.blogspot.com.br/search/label/Cultura>>. Acesso em: 30 mar. 2016b.

PASTELÃO – Revista do Pibid Letras Cpaq ou escrita coletiva de situações da vida e de sua poesia. [Resenha] Pequena Miss Sunshine: padrões de beleza. [Blog/On-line]. Disponível em: <<http://pibidletrascpaq.blogspot.com.br/2014/08/pequena-miss-sunshine-resenha-padroes.html>>. Acesso em: 30 mar. 2016c.

ROJO, R. Letramentos escolares: coletâneas de textos nos livros didáticos de língua portuguesa. *Perspectiva*, v. 28, 2: 433-465, Florianópolis, jan. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/12175-795X.2010v28n2p433>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

ROJO, R. (Org.). *Escol@conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOBRAL, A. Gêneros discursivos, posição enunciativa e dilemas da transposição didática: novas reflexões. *Letras de Hoje*, v. 46, 1: p. 37-45, Porto Alegre, jan./mar. 2011. Disponível em: <<file:///E:/Documents/Desktop/9246-32791-1-PB.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

_____. A concepção do autor do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshinov: confrontos e definições. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netli, Crato*, v. 1, 2: 123-142, dez. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/380/309>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

STREET, B. V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. São Paulo: Parábola, 2014.

GENDER DIGITAL BLOG: A STRATEGY FOR TEACHING WRITING IN CONTEXT OF TEACHER TRAINING

ABSTRACT

This study aims to present one of the actions developed by the course of Linguistics and Languages of the one Federal University, as part of the Institutional Program of Teaching Initiation Scholarship. The presented project is the production of a blog by students – future teachers – in order to encourage their experience with the critical, multiliterate and multisemiotic writing in a context.

KEYWORDS: Blog; genre; teacher training.